

De olho no modelo sustentável

Steve Roush

por Fábio Juppá



STEVE ROUSH: "O Brasil está numa posição interessante para fazer parcerias, pois os olhos do mundo estão voltados para cá"

Novo consultor do COB aponta condições para o Brasil se tornar potência esportiva

Contratado pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) para traçar um plano estratégico que evite que o país repita em casa, em 2016, o desempenho pífio de Pequim-2008, o ex-diretor de alto desempenho do Comitê Olímpico Americano nos Jogos de Atenas e Pequim, **Steve Roush**, avisa: "Muito dinheiro é bom, mas não adianta distribuí-lo mal". Nesta entrevista exclusiva, ele diz que Londres-2012 vai ser um bom parâmetro. Até lá, adverte, os dirigentes precisam aprender a administrar bem os recursos, a dialogar com as confederações e estimular o intercâmbio com os melhores do mundo. A China, segundo ele, é um bom exemplo a ser seguido.

O GLOBO: Há semelhanças entre o cenário do esporte brasileiro e aquele que encontrou quando chegou ao Comitê Olímpico Americano, em 1999?

STEVE ROUSH: Muitas, a começar pela paixão pelo esporte. Lá, antes de eu chegar, havia modalidades que iam bem, mas não entendia porque outras que dispunham da mesma estrutura não obtinham resultados nas Olimpíadas. Esse desafio continua. Os times de handebol são bom exemplo. No Brasil, temos ótimas oportunidades, principalmente se utilizarmos os conhecimentos das federações de vôlei e futebol e aplicá-los naquelas que precisam de ajuda. No universo olímpico, as medalhas têm de vir de um número diversificado de esportes, senão há risco de fracasso.

A política de esportes dos EUA, na qual escolas e universidades têm papel importante na formação dos atletas, é o modelo a ser seguido?

STEVE ROUSH: O sistema americano tem virtudes e defeitos, ainda que a visão geral seja de que só existam virtudes. Muitos atletas que vão para a universidade nunca voltam às federações, pois se retiram do esporte após o período escolar.

Outros são formados no exterior, no ensino médio, e as federações têm de assumi-los. No exterior por quatro anos, período importantíssimo na formação, alguns não evoluem.

Então, foi tempo perdido. Ter o controle sobre os programas de trabalho e desenvolvimento dos atletas desde o início de suas vidas esportivas é visto como virtude, mas há outro lado, que é criar mecanismos para financiar todo esse processo. Os Estados Unidos gostariam de ter esse controle, mas não têm. As federações precisam, sim, começar a criar programas e formar gente especializada em coordenar a transição entre o estágio inicial da vida de um atleta até ele se tornar um campeão olímpico.

No ciclo entre Atenas e Pequim, o Brasil investiu muito dinheiro no esporte olímpico e os resultados foram pífios. Já deu para identificar nossas carências?

STEVE ROUSH: A solução não é ter dinheiro e distribuí-lo mal, mas aplicá-lo estrategicamente, num bom plano, com bons técnicos e administradores competentes principalmente, de modo que se possa oferecer a treinadores e atletas o algo mais, como viagens de intercâmbio para as Copas do Mundo. É preciso saber se o dinheiro está sendo bem gasto, o que está faltando para cada federação, ver o que estão fazendo e o que podem fazer de diferente. O dinheiro deve ter um objetivo.

O Brasil tem tradição de medalhas em esportes coletivos. Até 2016, dá para mudar essa mentalidade?

STEVE ROUSH: Em alguns esportes, diria que sim. Em outros, seis anos é tempo suficiente se começarmos agora, unindo um bom plano a iniciativas como alianças com comitês olímpicos internacionais que tenham metodologias sólidas de trabalho.

É importante estar em contato com os melhores. O Brasil está numa posição interessante para fazer parcerias, pois os olhos do mundo estão voltados para cá. Em seis anos, o Brasil é o caminho.

Em relação aos atletas, quais devem ser as prioridades?

STEVE ROUSH: Temos de providenciar tudo para que, primeiramente, não tenham outra ocupação. Além, é claro, das melhores práticas pelo mundo, assistência médica de primeiro nível para que possam treinar em tempo integral e com intensidade, pois só assim vão se tornar atletas premiados, e nós poderemos cobrar resultados. É importante monitorar o progresso, estabelecer parâmetros que nos mostrem o quanto estamos evoluindo, estabelecendo objetivos para cada modalidade.

Qual a primeira impressão que teve das confederações?

STEVE ROUSH: Estou cruzando as informações que obtive com o COB.

O comitê precisa conhecer o programa das confederações, e o único jeito é ter equipes que estejam em contato diário com elas para poder avaliar oportunidades. Em abril, conversaremos com potenciais parceiros em Dubai (num congresso internacional de comitês e federações esportivas). A primeira coisa é identificar com quem trabalhar. Gostaríamos que alemães, americanos e britânicos nos ajudassem. Não devemos, por exemplo, deixar a confederação de vôlei, que tem ótima estrutura, de lado, mas sim saber exatamente o que fazer para sermos tão bons na praia como na quadra.

Há quatro medalhas disponíveis na praia. Com a história deste esporte no país, a modalidade deveria ser prioridade para 2016.

Comparando as realidades de Brasil e Canadá, que lições podemos tirar do desempenho deles nos Jogos de Vancouver?

STEVE ROUSH: Eles estabeleceram que ganhar medalhas era a coisa mais importante, o que é perigoso, além de causar enorme pressão nos atletas, tanto que alguns, e mais de um, competiram como favoritos e não ganharam. Nos Jogos de 2002, em Salt Lake City, tínhamos nos EUA o "programa do pódio", feito para que tivéssemos condições de estar lá. É preciso ter uma visão geral, investir também naqueles que podem evoluir e dar retorno a longo prazo. Essa será a herança que deixaremos para o esporte brasileiro.

O senhor tem planos para melhorar o nível de nossos técnicos?

STEVE ROUSH: Gosto do exemplo chinês. Até 2000, quando ganharam o direito de sediar os Jogos de 2008, nunca haviam tido um treinador formado em nada. Então, perceberam a importância de ter gente qualificada e procuraram os melhores que estavam disponíveis para trabalhar com eles. Temos de trazer os melhores para cá, para treinarem nossos atletas e a próxima geração de treinadores, pois quando forem embora, vão deixar conhecimento de técnicas de treinamento e gente especializada para que possamos trabalhar com excelência em todas as modalidades.

A estrutura disponível aqui é suficiente para o início do trabalho?

STEVE ROUSH: Os clubes têm boa estrutura para descobrir talentos.

Os principais atletas do país devem estar em centros de treinamento, como na China, embora eu não recomende que os jovens saiam de casa com a idade com que chegam lá. Aqueles centros são sustentados pelo governo, e neles os atletas têm acompanhamento nutricional e são submetidos a bons métodos de treinamento...

Em alguns esportes, é fundamental ter acesso a conceitos especiais, centralizar o treinamento.

Em outros, como no ciclismo, você só vai evoluir se estiver no velódromo, como o construído para o Pan. Não vai melhorar se pedalar em torno do jardim. A área do autódromo é interessante para criarmos uma estrutura para atletas de elite, com centros científicos.

Seu trabalho visa a 2016. O que fazer para os Jogos de Londres-2012 não passarem em branco?

STEVE ROUSH: Londres vai ser um bom parâmetro. Temos dois anos para implementar conceitos, assim como os britânicos fizeram em relação a Pequim. Mas eles se superaram e atingiram objetivos para 2012 em 2008. Não prevejo que o Brasil fará o mesmo, mas temos que ver progressos e medi-los em diferentes estágios: se para Londres classificamos mais atletas, mais esportes e se tivemos mais potenciais finalistas do que em Pequim. A Austrália gastou muito dinheiro para Sidney-2000. Depois, esse dinheiro foi embora do país. Onde quer que seja, temos de desenvolver um modelo sustentável, porque a última coisa que queremos é que em 2017 tudo acabe. A Grécia também não é um modelo a se seguir.

Devemos olhar para 2016 e deixar um legado esportivo, para que o Brasil possa produzir bons atletas por décadas.

Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 5 mar. 2010, Economia, p. 41.